



## SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA XXVIII SIC

paz no plural



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2016: SIC - XXVIII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2016
<b>Local</b>	Campus do Vale - UFRGS
<b>Título</b>	Facilitadores e Barreiras para a adesão ao tratamento de HIV/AIDS em Porto Alegre
<b>Autor</b>	FRANCINE LAUERMANN WEISSHEIMER
<b>Orientador</b>	ANDREA FACHEL LEAL

Nome do trabalho: Facilitadores e Barreiras para a adesão ao tratamento de HIV/AIDS em Porto Alegre

Nome da autora: Francine Lauermann Weissheimer

Nome da Orientadora: Andréa Fachel Leal

Instituição de Origem: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

O trabalho que será apresentado tem como pressuposto entender quais são as barreiras e facilitadores para a adesão ao tratamento de HIV/AIDS em Porto Alegre, na perspectiva dos usuários dos serviços de saúde, a partir de entrevistas com pacientes que utilizam os serviços de saúde públicos do município. A análise aqui está baseada em dados empíricos oriundos do projeto Práticas sexuais e redes afetivo-sexuais de homens vivendo com HIV/Aids, mais especificamente, de 44 entrevistas em profundidade. Meu interesse pela questão da adesão ao tratamento para HIV/AIDS (TARV) foi suscitado pela minha participação em diferentes projetos de pesquisa desenvolvidos pelo grupo SAGE – Saúde e Gênero e pelos encontros e debates promovidos no âmbito deste grupo de pesquisa.

Todas as entrevistas em profundidade foram realizadas por pesquisadores com formação em Ciências Humanas (especialmente a Antropologia Social), depois foram integralmente transcritas. As entrevistas foram lidas na íntegra por mim em busca de pontos em comum.

Com relação às barreiras identificadas, fica claro que na visão dos homens entrevistados, há preconceito e estigma associados à AIDS. O preconceito é um fator de suma importância: as entrevistas mostram que não há vontade de contar sobre o resultado do exame de HIV, nem mesmo revelam que foram fazer o teste. Uma fala típica nas entrevistas é a referência ao medo de tornar pública sua condição de paciente vivendo com o vírus HIV. Os entrevistados referem também que a revelação poderia “incomodar os outros” e aqui se subentende que não querem que familiares ou amigos julguem ser necessário cuidar deles. Outra importante barreira diz respeito à questão da medicação em si mesma, e de seus efeitos colaterais. Esta é na realidade uma dupla barreira: primeiro por que são muitos remédios a serem tomados, na grande maioria dos casos, o que torna o regime de medicação difícil de ser seguido – saber o que tomar e a que hora do dia. Segundo, por que os medicamentos causam grande desconforto, como náuseas e vômitos. Associado à medicação encontramos ainda uma barreira que diz respeito ao uso de álcool: os entrevistados referem que quando fazem uso de álcool, eles deixam de tomar o medicamento para AIDS. Por fim, A dispensação da do medicamento pode ser também considerada uma barreira, na medida em se que exige o deslocamento do paciente a cada mês até um Serviço de Atendimento Especializado (SAE); há dificuldade nesse deslocamento, seja pelo valor do transporte, seja pelo tempo dispendido no deslocamento.

Entre elementos facilitadores para a adesão ao tratamento de HIV está o acolhimento dos pacientes nos serviços de saúde: os entrevistados dizem que se sentem bem, que se sentem bem acolhidos, que não se sentem julgados e que gostam, na sua grande maioria, do trabalho realizado pelos médicos. A relação

médico-paciente é descrita de maneira positiva: os entrevistados relatam que já se sentem bem à vontade nas consultas e que os médicos conhecem seu histórico clínico e familiar. Outro facilitador é a informação: alguns entrevistados explicaram que assim que receberam o diagnóstico de HIV, e foram bem acolhidos no serviço de saúde, passaram a buscar mais informações. Ao encontrar informações sobre o vírus HIV e sobre a doença AIDS, no próprio serviço, na Internet, na mídia, eles compreendem a importância da adesão ao tratamento na melhora da qualidade de vida e na sobrevivência depois do diagnóstico.

O Serviço de Atendimento Especializado (SAE) entendendo a necessidade de melhor acolher o paciente, tem feito isso de forma notável, como a relação médico-paciente o que facilita muito a adesão do paciente e a sua permanência no tratamento, dos profissionais que atendem o paciente na entrada ao serviço. Todas essas relações ao chegar ao serviço de atendimento são bem importantes para consolidar a relação e deixar o paciente mais à vontade. Sobre o uso dos medicamentos e seus efeitos colaterais, os pacientes terão que conviver com náusea ou vômito, por que isso faz parte do tratamento em si e faz com que a doença se amenize. Neste sentido o SAE tenta aconselhar os pacientes muito bem no uso da medicação e também faz um acompanhamento psicossocial para que o paciente não sofra tanto com seu problema, uma que vez ele sempre fala sobre a questão do estigma que faz com que as pessoas sintam medo e/ou vergonha de contar sobre seu estado de saúde.